

FALA COM ELA

INÊS MENESES

FALA COM ELA

**Conversas marcantes
com personalidades que admiramos**

CONTRAPONTO.

ÍNDICE

FALA COM ELA.....	13
ADRIANA CALCANHOTTO	15
ANA MOURA.....	33
BERNARDO SASSETTI.....	49
CARLOS DO CARMO.....	69
CARLOS TÊ	85
FAUSTO BORDALO DIAS.....	103
GREGÓRIO DUVIVIER	123
HERMAN JOSÉ.....	141
JULIÃO SARMENTO	155
MARIA RUEFF	167
MIGUEL ESTEVES CARDOSO.....	183
PAULA REGO	201
PEDRO CABRITA REIS	225
RUI REININHO	239
NOTA FINAL.....	251
AGRADECIMENTOS	253

ADRIANA CALCANHOTTO

Falei com a Adriana três vezes, a última das quais já em modo confinamento e à distância. A conversa que escolhi para a poderem ler (como quem a ouve) aconteceu em 2019, quando lançou o álbum *Margem*. Gosto da Adriana por ela ser sóbria e cautelosa. «Um bicho-do-mato», como diz. Alguém que não suporta a ostentação.

Estava na barriga da mãe enquanto se ouvia Elis Regina, e ela, lá de dentro, a enviar sinais. Tinha de ser da música.



Já não me lembro das vezes todas que citei a americana Joan Didion, foram muitas, com aquele arrasador, porque simples, honesto e desconcertante, preencher de página em branco, quando ela lembra «a vida muda num instante, num dia normal». É *O Ano do Pensamento Mágico*, um que lhe esculpiu os sentimentos na escrita. A dor enche muitas páginas, todos sabemos disso, e, no entanto, talvez nesse caso preferíssemos, muitas vezes, a página em branco àquela talhada pela dor. As canções, os filmes, os livros enchem-se dessa dor, depois de libertada, passa a ser outra coisa. Esteve em Coimbra a dar aulas, aconteceu esta coisa engraçada de gente que nos habituámos a ouvir de longe, a saudar ao vivo, passarem a estar

por cá e, às tantas, perguntamos: «Ela agora vive cá ou lá?» Já lhe vamos perguntar. Um disco novo, *Margem*, repescado de sentimentos anteriores de há muitos anos, o mar navega-a por dentro e ela a ele. *Margem* fecha uma trilogia iniciada há mais de vinte anos. E, já que falamos de tempo, um amigo português viu-a há muitos anos, num pequeno clube no Rio, diz ele: «Estavam dez pessoas na sala.» Anos 80, era o início de tudo, a pessoa que o acompanhava disse-lhe: «Ela vai ser grande.» E foi. É a brasileira Adriana Calcanhotto, cantora, compositora e escritora.

Encontrámo-nos há muitos anos num outro estúdio, o programa é que já era o mesmo. Confesso que fiquei muito agarrada a esta frase: «A vida muda num instante, num dia normal.» Como se relaciona com o perigo iminente da mudança? Estar vivo é estar disponível para mudar e para aceitar a mudança. Como é que aceita a mudança?

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. [risos] Dei uma aula, há pouco, em Coimbra justamente sobre as canções que em Portugal se chamam de intervenção e no Brasil de protesto. Nunca tinha pensado que, para a mesma coisa, existissem essas duas palavras que não são bem iguais.

Acha que não são? Intervir para tentar mudar, protestar para tentar mudar, no fundo.

São para tentar mudar, mas parece que protestar é reclamar e intervir é agir. Nunca tinha pensado sobre isso, fui pensar e aí, na aula, coloquei a canção do José Mário Branco, que usa o soneto do Camões e é tão bonito isso, usar o Camões, que já está falando de mudança, numa canção para a mudança, é tão lindo rever tudo isso.

Ia falar-lhe, justamente, do José Mário Branco, porque ele tem um álbum chamado *Margem de Certa Maneira* e é também um

título de que gosto muito. Mas o José Mário Branco cantar Camões, tem que se lhe diga, não é fácil.

Sim, não é fácil musicar e é uma ideia absolutamente genial, porque o que ele coloca nessa canção é «e se todo o mundo é composto de mudança», ele reafirma o soneto perfeito do outro, é sensacional.

E, afinal, como é que a Adriana se dá com a mudança?

Sempre esperando a mudança, se algo não muda, algo está errado.

O movimento é o motor das nossas vidas. E, afinal, está a viver cá ou está entre cá e lá?

Estou entre cá e lá.

Como é que tem sido?

Muito bom. Porque, devido à maré, a margem não é fixa. Isso é muito interessante para mim, é muito rico estar lá e cá, também me dá essa sensação de que não estou fixa em lugar nenhum.

Isso é bom?

Isso é bom.

Não estar agarrada?

Nunca estou agarrada, porque sou uma pessoa que vive também na estrada, por causa das digressões, e isso é interessante. O lado ruim das digressões é não poder estar com os meus animais. São muitos gatos e muitos cães, fora os pássaros, que são livres, enfim, não se pode ter tudo.

O que é que lhe dão os animais que as pessoas não dão? Coisas diferentes?

Dão coisas diferentes, os animais vivem no presente, nós não.

Muito interessante isso.

Os animais não pensam sobre a morte e nós vivemos a ler Platão e Sócrates, quer dizer, não lemos Sócrates, mas pensamos sobre isso. A Filosofia existe porque sabemos que vamos morrer. A minha gata não acha que vai morrer, só vai achar quando morrer.

Vive do instante. Mas isso é muito curioso, viver no presente, porque uma das coisas de que me apercebo – e eu cresci no campo, portanto estive sempre rodeada de todos os animais, galinhas, coelhos, cães, gatos, tudo, até de bichos que não queremos – e hoje apercebo-me de que, também por alguma carência, estamos a agarrar-nos aos animais de uma maneira diferente, porque em relação aos animais não temos o medo da falha. Ou seja, nós sabemos que este gato ou este cão não nos vai desiludir, certo?

Certo.

E estamos obcecados com isso, em alguns casos fazemos a transferência do nosso amor para os animais, em vez de ser para alguém que nos pode desiludir. No seu caso, gosto muito dessa resposta de eles viverem no presente.

Vivem no presente. Às vezes, posso estar a pensar demasiado e olho para a minha gata, Luísa, e me sinto ridícula.

Mas percebe o que estou a dizer, termos feito esta transferência – que é do mundo em geral – começámos a ter imenso medo de que o outro falhasse, porque nós falhamos, e então transferimos tudo para os animais. Não sei se criámos uma relação saudável com eles, porque a damos como certa e, portanto, aquele animal nunca nos vai falhar. Os humanos estão sempre a falhar.

Ou não são humanos.

Ou não são humanos. E vale a pena viver se não for sobre essa reconstrução que podemos fazer em cima da falha?

Da mudança.

Lá está, voltamos à mudança. Mas vive, então, rodeada dos seus animais. Quando os revê depois de uma digressão, como é esse reencontro?

Os cães fazem uma festa, já os gatos me olham e pensam: «Quem é você, mesmo?» [risos]

Porque são realmente desconfiados. Portugal serviu-lhe para mudar de ares? Precizou disso também?

Sempre, sempre. Faz muito tempo que venho a Portugal e, de cada vez, vou-me aprofundando. Agora, quando venho para dar as aulas, fico em Coimbra, que tem a sua própria ambiência e universo. Aos finais de semana, se possível, vou para as aldeias estudar o Portugal romano, que é algo que me interessa muito. Indo para as aldeias, estou conhecendo um Portugal profundo. Antes, ficava entre Lisboa e o Porto, na parte mais urbana, mais cosmopolita. E agora conheço aquele universo da Universidade de Coimbra, que tem muito a ver com o Brasil, porque muitas ondas de independência do Brasil tiveram a cumplicidade da Universidade de Coimbra, houve professores, reitores brasileiros. Existe uma relação de Portugal com o Brasil e existe uma relação da Universidade de Coimbra com o Brasil, uma coisa específica. Então, o que estou vivendo lá é um tipo de tradição histórica, de olhar para o Brasil da Universidade de Coimbra e isso é um privilégio que a Universidade me dá, impensável.

E também uma responsabilidade, há aí um certo peso, uma honra nisso tudo.

Sim, mas encaro como um privilégio, porque descobri também – apesar de ser de uma família de professores, nunca tinha reparado – que ensinar é uma maneira de estudar, e estou encantada com isso.

Que aula dá?

O curso que eles me pediram chama-se: «Como Escrever Canções.» Começo na origem da canção, lá na Grécia, o que é uma canção, para quê uma canção, para quê escrever uma canção.

E se lhe perguntasse para que serve uma canção? Digo sempre que as canções salvam, sinto que já me salvaram tantas vezes, de tantas coisas.

Podem salvar. Elas nasceram, na verdade, para que se pudesse guardar os poemas. Esses grandes poemas gregos que conhecemos, os poucos fragmentos que temos foram guardados através da música, porque não havia escrita, se não fosse a música não teríamos os tais fragmentos.

Que giro, é o *tupperware* dos poemas, é a caixa dos poemas.

[risos] Exatamente, ótima definição, vou usar para sempre.

O mar, traz e leva tudo, é movimento e é renovação, mas agora o mar está entupido com os nossos excessos e está estagnado. Podia ser uma metáfora para o que se passa no mundo, o mundo está estagnado se olharmos para o estado do mar, para o que nós mandamos para lá. Esta catástrofe ambiental há muito que vinha sendo anunciada e ainda há quem não acredite nela ou quem não queira acreditar nela. O seu lado otimista – julgo que deve ter – acha que ainda vamos a tempo?

Está tarde, vamos dizer, mas o meu lado otimista crê que as crianças estão comprometidas, agindo. Elas estão, não só agindo na vida delas como corrigindo as pessoas mais velhas que não foram condicionadas, não foram criadas para isso, cresceram achando que as águas são inesgotáveis, que o planeta é inesgotável, então corrigem as pessoas, alertando: «Não faça isso, feche a torneira, não joga plástico.» São as crianças que vão estar nas presidências, nos parlamentos em breve. A minha esperança é essa.

Elas já estão a crescer com o verbo «reciclar» enquanto para os mais velhos essa ideia da reciclagem não existia. Nos bairros mais chiques de qualquer cidade, alguém dentro de um carro, alguém que até podíamos pensar com cultura cívica, abre a janela e atira um plástico para o chão, isto deveria ser crime. Mas as crianças já estão em alerta, tenho uma filha que tem a ideia de que, daqui a dez anos, já pode não existir o planeta, tal com está, portanto já crescem com essa ideia de fim. Para elas é urgente mudar. Enquanto para os adultos, essa ideia de reciclar não existia sequer.

Não existia e no Brasil se você jogar lixo no chão é uma coisa que dá *status*, é impressionante, há uma inversão, sobretudo no Rio de Janeiro. Era uma prática da corte portuguesa, você joga lixo no chão porque é da corte, alguém que cate o seu lixo. Você paga impostos, é uma questão hierárquica, quando deveria ser o contrário, você deveria dar o exemplo. Ou seja, as crianças já não têm isso, o mundo já mudou, essa já é a realidade delas. As pessoas da minha geração ligavam o chuveiro para irem tomar banho e iam falar ao telefone. As crianças já acham isso completamente impensável, a minha esperança está aí.

Como é que olha para estes tempos de excesso? Nunca lhe traz apatia este excesso todo em que vivemos? É muito de tudo, pode levar à náusea.

Tenho uma tendência para a vida espartana, sou franciscana, sou assim e sempre fui. Então, cada vez mais me ligo a pessoas e grupos que são assim, não suporto a ostentação, tenho pavor ao desperdício. Na verdade, eu me afasto desse tipo de comportamento para não me frustrar.

Repare que nós vivemos esse excesso, chega à política, ao populismo – o populismo é um excesso também. Vê com muita preocupação o facto de o Brasil ter alguém como Jair Bolsonaro no poder?

Depois de um Governo que tirou pessoas da faixa da miséria, pessoas que não estudavam passaram a entrar na faculdade, pessoas que nunca viajaram passaram a andar de avião, isso tudo num país como o Brasil, não podia acontecer sem que houvesse uma reação, uma resposta. A História é cíclica e eu imaginava uma resposta, mas não nesse nível de ignorância. Já estive mais preocupada, porque as coisas que tenho visto são tão absurdas que, acredito, não se sustenta.

Portanto, acabarão por cair?

Acabarão por cair muito antes do que, talvez, este próprio Governo imagine. Não é possível um país que quer cortar a Filosofia e quer vender armas legalmente, qualquer pessoa pode comprar um fuzil. Na sociedade brasileira, a nova democracia é recente, mas é uma democracia.

Também fomos assistindo aos consecutivos gestos absurdos de Trump e sempre com esperança de que ele caísse, mas continua lá, é assustador, mas é verdade.

O Trump tem feito coisas ridículas, mas não são nesse nível tão básico como o do Bolsonaro.

Acha que há mais violência, mais pânico, no geral, ou a situação está relativamente calma?

Há mais violência, sobretudo quando uma pessoa diz: «Vamos cortar a Filosofia e a Sociologia do ensino», nada é mais violento.

Sim, mas repare, aí é quase a classe pensante a insurgir-se. Em termos de segurança, as coisas alteraram-se?

Não tenho aqui os números. Uma coisa que faço, e nada tem a ver com este Governo, é uma coisa minha, quando estou aqui, vivo aqui. Sou local e vivo o presente daqui. Não fico aqui pensando no Brasil, quer dizer, penso o Brasil historicamente, numa

dimensão macro, mas é pensar o Brasil não a política do dia a dia, não as notícias. Ler as notícias através das redes sociais, dos *sites* de notícias é uma coisa, outra é estar no Brasil e senti-lo. Mas não me parece que a violência tenha diminuído desde que este Governo assumiu o poder.

Gosta de ver o mundo a partir da margem e tem vontade de alcançar a outra margem?

O que gosto na margem é justamente a condição marginal, é o nem lá nem cá, onde as coisas se misturam. No caso do mar, ela não é fixa, vai e vem, é um pouquinho da areia, da água, é um pouquinho de cada coisa, é difícil de explicar, mas acho que essa palavra diz tudo, margem.

Nunca esteve à margem? Nunca se sentiu marginalizada?

Sempre quis ser marginal, nunca quis fazer um trabalho *mainstream*. Num desses dias, vi uma entrevista minha em que disse: «Não quero fazer um trabalho sofisticado para seis pessoas que sabem aquele código, quero fazer um trabalho sofisticado para que todo o mundo possa conhecer aquilo.» É nesse sentido, é não fazer concessões para fazer um trabalho *mainstream*, que isso, a mim, não me interessa. E os artistas que sempre admirei são os artistas da margem.

São os artistas da margem que depois podem chegar a muita gente.

De preferência, sim.

Temos aqui esta brincadeira recorrente, não sei se no Brasil também acontece, de dizer: «Só gostei dos Arcade Fire até ao primeiro EP.»

Isso é um vício. [risos]

E hoje, os Arcade Fire enchem estádios.

Ainda bem.